



A palavra da Irmandade Muçulmana

(MEMRI Daily, 03.10.24)

Tarek Al-Suwaidan, o líder da Irmandade Muçulmana, gravou uma entrevista (em árabe) no You Tube em 28.09 sobre o ataque do Hamas a Israel. Nascido no Kuwait, ele foi proibido de entrar em diversos países por antissemitismo e apoio ao terrorismo.

Trechos da entrevista:

- Al-Suwaidan: Por Alá, o que aconteceu durante a Enxurrada de Al-Aqsa (designação Irã e seus agentes para a invasão de Israel em 07.10.23) deveria ser ensinado nos colégios mais prestigiosos. O planejamento foi inacreditável...(isso) só poderia acontecer com intervenção divina e extraordinário e minucioso planejamento.

(...) Pode ver quantos homens e mulheres jovens no nosso mundo árabe – e no Ocidente – consideram Abu Ubeida (porta-voz do Hamas) um modelo?

(...) Eu não choro pelo povo de Gaza, choro por mim mesmo por não estrar entre eles – é assim que um crente deve aspirar ao martírio.

(...) A mais alta prioridade da sharia (a lei muçulmana) é preservar a religião, não preservar a vida – por isso é que há algo chamado de jihad (guerra santa); se preservar a vida fosse a prioridade, a jihad seria abolida. A sharia inclui também preservar a religião, a vida, a descendência, o intelecto e a propriedade. Qual desses objetivos tem a prioridade mais alta? É preservar a religião, não é preservar a vida.

- Entrevistador: Israel, a entidade suja, não vai ser removida por si mesma, precisamos removê-la.

Al-Suwaidan: Não devemos dizer “Eles (os habitantes de Gaza) foram mortos porque desencadeamos a jihad”. Meu papel é fazer a jihad para libertar minha nação. Você quer que essa entidade suja continue nos governando para sempre? Ela é uma entidade anormal em termos de geografia e história. As pessoas que a removem precisam fazer sacrifícios. A culpada é essa entidade suja e todas as acusações devem ser dirigidas contra ela e não contra a “resistência” (*a Israel*).

(Nota da Redação: A mídia, os políticos, as universidades, ONGs, analistas e outros que alimentam a opinião pública não divulgam as declarações dos radicais islâmicos que são expressas em árabe, farsi ou turco - como essa de Al-Suwaidan - para seu público interno. Emissoras como a Al-Jazira do Catar e quase todas do



Oriente Médio transmitem uma outra versão, em inglês e demais línguas ocidentais, em que os piores vilões aparecem como moderados e vítimas de injustiças.

O verdadeiro pensamento dos radicais, que emana também das mesquitas e utiliza textos religiosos escritos nos Século Sétimo e Oitavo para justificar violência e opressão - é responsável pela radicalização das sucessivas gerações de jovens, assim incitados a matar e a morrer. Para enfrentar essa empulhação surgiu a ONG Middle East Media Research Institute-MEMRI, que traduz essas pregações para o inglês, à disposição de quem quiser utilizá-las.

O objetivo da Irmandade Muçulmana é promover a substituição dos regimes muçulmanos moderados por outros que sejam regidos exclusivamente pela sharia, o que implica dedicar-se à jihad, “a guerra santa contra os infiéis”, sendo Israel um dos alvos prioritários. A Irmandade, de onde emergiu o Hamas, conta com o apoio político, logístico e financeiro do Catar e da Turquia para suas ações internacionais, mas não permitem à Irmandade ameaçar os seus próprios regimes autoritários.

É nesse contexto que vários países árabes sunitas, como o Egito, Arábia Saudita ou Emirados Árabes Unidos, consideram Israel um aliado no combate à Irmandade, assim como para deter o expansionismo iraniano, o que seus governos não podem manifestar publicamente devido às convicções antissionistas e antissemitas muito arraigadas em suas populações).

A guerra não deteve a Aliá

(Itamar Eichner, YNet News, 30.09)

Desde o início da guerra do Hamas, 31 mil imigrantes chegaram a Israel, dos quais 31 por cento de jovens entre 18 e 35 anos, sendo 19.850 da Rússia, 3.340 do Canadá, 1.820 da França, 980 da Ucrânia, 795 da Bielorrússia, 560 do Reino Unido, 450 da Argentina, 310 da Geórgia e 280 da África do Sul.

Em relação ao período anterior, houve um aumento de 352% da França, 87% do Canadá, 62% do Reino Unido e 60% dos Estados Unidos.

(N. da R.: É provável que a solidariedade com Israel na guerra tenha influenciado, mas também o aumento do antissemitismo nos países citados, que afeta os mais jovens no ambiente colegial e universitário. O caso da França tem a ver com o fato de que 10% da população é de muçulmanos, parte radicalizada, e o estado tem dificuldade em lidar com o tema.

De todo modo, a razão de ser do surgimento do sionismo foi justamente para servir de abrigo aos judeus que sejam perseguidos nos países em que vivem, sobretudo depois da traumática experiência do Holocausto e da expulsão de 700 mil judeus dos países árabes após a independência de Israel).

Antonio Guterres, persona non grata



(Shiryng Ghermezian, Algemeiner, 02.10)

O chanceler Israel Katz anunciou no “X” em 01.10 que o Secretário-Geral da ONU é “persona non grata” em Israel. A acusação explicita que, porque Guterres “não condenou o odioso ataque iraniano a Israel, como quase todos os países do mundo fizeram, não merece pisar no solo israelense”.

Katz escreveu ainda que “Este é um Secretário-Geral, que ainda não denunciou o massacre e as atrocidades sexuais cometidas pelos assassinos do Hamas em 7 de outubro, nem fez nenhum esforço para declarar o Hamas uma organização terrorista...e agora nem (critica) o Irã, o navio-capitânia do terror global – (ele) será lembrado como uma mancha na história da ONU. Israel continuará a defender os seus cidadãos e a resguardar a sua dignidade nacional, com ou sem Antonio Guterres”.

(N. da R.: Essa não terá sido nem mesmo a maior “mancha” da ONU e suas agências e afiliadas no tratamento de Israel. Como se sabe, o viés contra Israel inclui a absoluta maioria dos países-membros e os funcionários da ONU, de modo que o comportamento de Guterres, qualquer que seja a sua opinião pessoal, reflete a realidade da instituição que representa. Tendo em conta que a ONU é uma “causa perdida” para Israel, Netanyahu optou por fazer de seu discurso na ONU em 22.09 uma denúncia frontal dessa situação e a decisão da chancelaria contra Guterres reflete essa posição.

Ao denunciar o comportamento da ONU como irremediavelmente hostil, Israel deixa claro porque não tem de levar a sério suas narrativas e decisões, na esperança de que ao menos parte dos analistas e comentaristas da política internacional abandonem a “presunção de inocência” desse principal foro internacional e reconheçam suas graves deficiências. É o que resta a fazer por ora).

Só a vitória traz segurança

(Yaakov Katz, 27.09, Jerusalem Post; Michael Oren, Times of Israel, 01.10)

Nos últimos anos Israel tentou impedir uma confrontação em grande escala com os seus inimigos. Bilhões de shekels (1 US\$ = 3.8 Shekels) foram transferidos para Gaza numa tentativa de pacificar o grupo terrorista, milhares de habitantes de Gaza foram autorizados a trabalhar em Israel, o comércio bilateral foi favorecido e operações militares (*contra ações terroristas*) foram limitadas para evitar escaladas.

Mas os acontecimentos do 7 de outubro revelaram que, quando uma organização terrorista é firmemente motivada para aniquilar Israel, nada mais interessa a seus líderes. Essa realidade deve guiar a reação de Israel às propostas de pausa nas suas operações militares contra o Hezbolá e o Hamas. Sabemos disso porque cada guerra com os agentes do Irã nos últimos 25 anos foi apenas a precursora da



seguinte: obtém-se um cessar fogo, aprovam uma Resolução na ONU e nos convencemos de que dessa vez vai dar certo, mas nunca acontece. Só a vitória garante uma segurança de longo-prazo.

Há anos o embaixador Michael Oren vem sustentando que a única maneira de evitar as guerras contra Israel é que o país tenha uma grande capacidade militar de “dissuasão”, ou seja, que seus inimigos estejam convencidos de que não poderão vencê-lo, nem lhe causar danos substanciais, e que pagarão um preço tão alto por tal tentativa que não se atreverão a iniciar um conflito maior.

Oren entende que o 7 de outubro “devastou” a dissuasão israelense e que, para restaurá-la, é preciso continuar a luta até que seus objetivos militares sejam alcançados: como reduzir drasticamente a força do Hezbola, empurrá-lo para de volta para o norte do Rio Litani e assim assegurar que as dezenas de milhares de israelenses evacuados possam voltar para às suas habitações.

(N. da R.: Como disse Golda Meir ao Presidente Nixon, “vivemos numa vizinhança perigosa” (a bad neighborhood), o que explica a necessidade de firmeza, sobretudo quando as ameaças ao estado se materializam. Pesquisa de opinião recente indica que dois terços da população israelense é favorável a enfrentar militarmente o Hezbolá e a proporção seria maior se não houvesse a campanha para a libertação dos reféns do Hamas, mesmo ao custo de sacrificar os objetivos militares, além da polarização da política interna).

Israel, um modelo para o Ocidente

(Walter Russel Mead; Gerald Baker; Wall Street Journal, 30.09)

Walter Russel Mead escreveu que as elites (no Ocidente) querem a todo custo acreditar que vivemos numa ordem internacional estável, baseada em regras, e que uma política externa bem-sucedida na nossa era depende menos da força militar e mais da diplomacia, do respeito ao direito internacional e de uma atenção escrupulosa aos direitos humanos. Em nenhuma área essa ilusão é praticada mais assiduamente do que em relação ao Oriente Médio.

No mundo real, o Irã é um poder maligno e atuante, cuja ambição fanática só pode ser resistida pela força. O povo palestino, quaisquer que sejam os seus direitos históricos ou as injustiças no seu destino, atualmente não dispõe de liderança, instituições e consenso nacional que possa fazer funcionar uma solução dos dois estados. A UNRWA (agência da ONU encarregada de ajudar os refugiados palestinos e seus descendentes, que mantém em campos de refugiados na Margem Ocidental, Gaza, Líbano e Síria) permite *(o uso de suas instalações pelo Hamas e Hezbolá)* e promove *(nas suas escolas)* o terrorismo.

As leis internacionais sobre a guerra têm pouca relevância nessa região em que a Carta da ONU é geralmente letra morta. A paz autêntica não está ao alcance de



Israel ou de qualquer outro estado do Oriente Médio num prazo previsível. Mas na ótica do Ocidente, a paz com o Irã pode ser obtida por um par de reuniões diplomáticas. Enquanto o Ocidente não acorda do sonho de que vivemos num planeta “pós histórico”, israelenses e árabe terão de ignorar os conselhos do Ocidente e seguir seu próprio rumo.

Esse tema é retomado pelo artigo de Gerard Baker: “O que o estado judeu fez neste último ano para a sua própria defesa será também classificado como uma das mais importantes contribuições para a defesa da civilização ocidental...sobretudo porque forneceu aos nossos inimigos (*o Irã e seus agentes*) o decisivo recado de que pelo menos alguns de nós estão dispostos e capacitados a enfrentá-los e a derrotá-los”.

“A única reação apropriada à galhardia, coragem e competência de Israel que possamos ter – nós seus aliados nominais – é “obrigado” e “como podemos ajudar?” Winston Churchill, referindo-se aos pilotos da RAF que derrotaram a aviação nazista, disse que “nunca na história dos conflitos humanos devemos tanto a tão poucos”. Precisamos ecoar essas palavras hoje quando assistimos com admiração o que um país menor do que Nova Jersey está fazendo por nós”.

(N. da R.: A Grã-Bretanha e a França passaram a limitar ou proibir exportações de material militar a Israel, o que contradiz a expectativa dos dois articulistas. Considerações de política interna, seja para contentar a ala esquerdista do Partido Trabalhista inglês, seja para apaziguar os islamistas franceses, ou ainda os inocentes e desinformados, pesam mais do que apoiar quem no Ocidente melhor enfrenta a dupla ameaça terrorista e iraniana.

Os Estados Unidos, apesar de certa letargia ou tendência a evitar maior envolvimento em questões distantes de suas fronteiras, só abandona episodicamente a sua posição de potência líder do Ocidente e, em inícios de outubro, passou a seguir o exemplo de Israel e a bombardear os Houthis no Iêmen.

No extremo oposto estão as principais potências autoritárias: a China interna os uigures muçulmanos em campos de “reeducação” e a Rússia reprime com a violência que quiser os chechenos e outros muçulmanos que considere um risco à segurança nacional, mas no plano internacional ambos apoiam o Irã e os terroristas que podem causar danos ou enfraquecer os países ocidentais).